

# A poética de Auritha Tabajara: autoficção em *Coração na aldeia, pés no mundo*

Paulo Marcelino dos Santos (UNEB)\*  
<https://orcid.org/0000-0003-3702-7189>

Elizabeth Gonzaga de Lima (UNEB)\*\*  
<https://orcid.org/0000-0002-3877-3776>

## Resumo:

Auritha Tabajara, cordelista, mulher Tabajara, nordestina, LGBTQIA+, elaborou uma escrita com tons biográficos em *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* (2018). Essa escritura põe em xeque a questão autoral: no jogo entre duas vozes narrativas, no imbricamento entre a voz Tabajara e a voz individual, na narrativa da trajetória e das lutas da Auritha personagem. Tal apreensão de *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* (2018) é feita com base no conceito de autoficção (DOUBROVSKY, 2014; COLONNA, 2014) que contrapõe a noção de sujeito autossuficiente logocêntrico. A autoficção é utilizada para compreender como Auritha se transforma em personagem e em objeto de um discurso, como constrói um eu textual, biográfico e ficcional, a partir do cordel. A proposta deste trabalho é analisar os processos autoficcionais elaborados na perspectiva dessa mulher Tabajara. Portanto, a poética de Auritha Tabajara destaca seu nome próprio e sua integração com a nação Tabajara, em uma moldura constituída por aspectos estilísticos, performativos, ficcionais e ancestrais.

**Palavras-chave:** Auritha Tabajara; *Coração na aldeia, pés no mundo*; Autoficção.

## Abstract:

### The poetics of Auritha Tabajara: autofiction in *Coração na aldeia, pés no mundo*

Auritha Tabajara, cordelist, Tabajara woman, northeast, LGBTQIA+, elaborates on writing with biographical tones in *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* (2018). This writing calls into question the authorial question: in the game between two narrative voices, in the overlap between the Tabajara voice and

---

\* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade do Estado da Bahia (PPGEL/UNEB), sob orientação da Professora Doutora Elizabeth Gonzaga de Lima. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0893034040233991>>. E-mail: [oluaps2@gmail.com](mailto:oluaps2@gmail.com)

\*\* Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É docente Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), atuando na Graduação em Letras Vernáculas (DCH1) e como professora permanente no Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL). Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/1592267430900741>>. E-mail: [profbethliteratura@gmail.com](mailto:profbethliteratura@gmail.com)

the individual voice, in the narrative of the trajectory and struggles of the character Auritha. Such apprehension of *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* (2018) is based on the concept of autofiction (DOUBROVSKY, 2014; COLONNA, 2014) which opposes the notion of a logocentric self-sufficient subject. Autofiction is used to understand how Auritha becomes a character and object of discourse, and how she builds herself into a textual, biographical, and fictional self, based on cordel. The purpose of this work is to analyze the autofictional processes elaborated from the perspective of this Tabajara woman. Therefore, Auritha Tabajara's poetics highlights her proper name and her integration with the Tabajara nation, in a configuration of stylistic, performative, fictional, and ancestral aspects.

**Keywords:** Auritha Tabajara; *Coração na aldeia, pés no mundo*; Autofiction.

## Introdução

Que faço com a minha cara de índia?  
E meus cabelos  
E minhas rugas  
E minha história  
E meus segredos?  
(POTIGUARA, 2018, p. 32).

O que fazemos/faremos com nossas identidades, com nossa sensibilidade, com nossa subjetividade em jogo conflituoso entre o dito, o não dito, o inefável e recalcado, entre o individual, o coletivo e a ausência em um contexto contemporâneo de crítica ao sujeito? A estrofe do poema "Brasil", de Eliane Potiguara, apresentada na epígrafe, começa com elementos supostamente objetivos e possíveis de compreender apenas ao olhar: cara de índia, cabelos e rugas, complementados por vocábulos relacionados à linguagem, a narrativa, àquilo que nós contamos para outrem: história e segredos... Sem esquecer os estereótipos e preconceitos destacados na estrofe e no poema, aí estão caracterizados importantes aspectos relacionados à construção do si mesmo, permeados pelos discursos entre verdades, ficções e lacunas.

Longe de nós assumirmos a tarefa inglória de responder, propondo o desenlace da questão apresentada no início. Nossa estratégia segue na tentativa de compreender a

questão que envolve a constituição subjetiva em narrativas a partir da literatura escrita por uma autora contemporânea, Francisca Aurilene Gomes, que adota o nome étnico Auritha Tabajara, uma mulher indígena, nordestina e LGBTQIA+<sup>1</sup>, cordelista, a qual, através de sua escrita, lida com as questões de autoria e de subjetivação, construindo a si mesma de forma autônoma, sensível e resistente em uma mescla entre o (auto)biográfico, o poético, o ficcional e o ancestral.

No livro *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* (2018), Auritha Tabajara escreve a sua autoficção, configurando novas possibilidades de escrita e de leitura com a apropriação, transformação e subversão cultural e literária das teorias ocidentais das escritas de si, das narrativas centradas no eu, para contar outras histórias e escrever outras literaturas. Essa escritora narra a sua vida, de forma literária e histórica, ancestral e inovadora, comunicando a um só tempo os saberes ancestrais de seu povo e sua trajetória entre a cidade e a

1 LGBTQIA+: sigla relacionada aos movimentos sociais relacionados à diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero, significando, respectivamente: lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, queer, intersexo, assexual e uma abertura à não normatividade com a inserção de outras identidades de gênero e orientações sexuais.

aldeia, sem se perder no caminho, mas estando sempre em movimento com os pés conectados à Terra, em qualquer lugar aonde vá. Assim palmilha o seu próprio caminho, construído ao caminhar e com o coração conectado à aldeia, à ancestralidade, à memória.

O livro *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* (2018)<sup>2</sup> é constituído por poemas em formato de cordel, escritos por Auritha Tabajara, e por xilogravuras, assinadas por Regina Drozina. O enredo do cordel narra a história de Auritha, uma mulher indígena, nordestina e LGBTQIA+, desde a sua infância com o povo Tabajara e na relação com sua avó, passando pelas suas dificuldades e aprendizados ao migrar para a cidade, até a sua vida adulta. No livro, é narrado um processo de crescimento pessoal e superação: dos conflitos no casamento, da luta pela guarda das filhas, da resistência às discriminações raciais, de gênero, de classe e de orientação sexual e da valorização da ancestralidade. A autora indígena sintetiza a sua compreensão sobre o seu fazer literário: “a literatura manifesta em mim uma dupla atuação: autoexpressão e resistência” (TABAJARA, 2018)<sup>3</sup>.

Os pés da personagem-narradora-autora traçam um percurso ultrapassando fronteiras entre o biográfico e o imaginário, entre o individual e o coletivo, entre a aldeia e a cidade, tendo o mundo inteiro como limite. Essa relação fronteiriça perpassa aspectos como a significação diferenciada com a territorialidade e com as fronteiras nacionais estabelecidas por diversos povos indígenas, como reconhecido pela Convenção nº 169 da OIT<sup>4</sup>, de 1989 (KRENAK, 2013), e a dis-

cussão sobre a subjetividade das pessoas indígenas imbricadas com seu povo, em um contexto de pressão rumo à individualidade em uma perspectiva ocidental.

O coração refaz a conexão com o passado-presente ancestral, com a aldeia, ao mesmo tempo em que representa também uma consciência não designada pela racionalidade cartesiana. Auritha Tabajara nos ensina que o percurso se faz caminhando e que se refaz, na medida em que se transforma ao ser narrado. A escritora reconstitui a sua jornada em versos, transmuta seus passos em narrativa de si mesma, em autoficção, para não esquecer o caminho de volta e para construir um percurso de cura para si e para o mundo. Essa metamorfose da experiência vivida pela autora em texto escrito, em poema, em cordel é a inquietação que direciona a nossa investigação, tendo como aspecto basilar para a discussão o conceito de autoficção (DOUBROVSKY, 2014; COLONNA, 2014; KLINGER, 2006).

As pesquisas e propostas de análises literárias relacionadas à autoria historicamente são complexas e, por vezes, polêmicas. O percurso da investigação abrange desde a ausência do autor, em textos sem sua assinatura ou sem seu reconhecimento, aos quais a posse estava em mãos do editor (BRAGANÇA, 2006), passando pela imposição dele como pai, autoridade e verdade sobre o texto, contraposta pela propagação de sua morte e desembocando em abordagens que “ressuscitam” ou retomam o autor, seja através do ponto de vista identitário, seja na focalização de aspectos biográficos, das escritas de si, nas quais pode ser incluída a autoficção (KLINGER, 2006).

### **Autoficção em *Coração na aldeia, pés no mundo***

Os estudiosos da literatura que se propõem a utilizar o conceito de autoficção reconhe-

2 O livro foi publicado pela U’KA Editorial, um projeto conduzido por Daniel Munduruku, que busca publicar obras de escritores indígenas, produzidas de forma autônoma.

3 Citação retirada da contracapa do livro *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* (2018).

4 OIT: Organização Internacional do Trabalho.

cem que é uma ideia inacabada, em construção ou imprecisa, ou ainda compreendem que essa situação permite múltiplas abordagens a partir de seu arcabouço:

A própria imprecisão da palavra [autoficção] é útil, pois possibilita que certos escritores, como Catherine Cusset, Philippe Vilain ou Camille Laurens, presentes nesse colóquio, entendam a dita autoficção em sentidos bem diferentes daquele que lhe atribuo. A palheta da autoficção é variada e é isso que constitui sua riqueza (DOUBROVSKY, 2014, p. 113).

Mesmo nesse contexto de diversidade de apreensões, é possível reconhecer que a autoficção se inscreve como alternativa para reflexão sobre a subjetividade autoral e sobre a (im)possibilidade da escrita em representar a realidade. Assim, se constitui uma retomada da figura do autor, não mais como autoridade sobre seu texto, não como o sujeito cognoscente autossustentável do cogito cartesiano, mas como alguém crivado, repleto de furos, de lacunas, de vieses e de inconsciências.

O sujeito autoral retorna assemelhado ao real lacaniano como falta, como aquilo que é inefável, indizível e impossível de simbolizar (KLINGER, 2006). Portanto, a autoria, particularmente nos textos biográficos, pode ser visualizada como um intercâmbio rasurado entre a experiência e a interpretação, cheio de vazios preenchidos por recursos de retórica, de imaginação e de ficcionalização. A memória aparece permeada por falsas memórias, a consciência vazada por aquilo que está inconsciente, o relato não pode ser *pari passu* aquilo que foi vivenciado:

Nenhuma memória é completa ou fiável. As lembranças são histórias que contamos a nós mesmos, nas quais se misturam, sabemos bem disso hoje, falsas lembranças, lembranças encobridoras, lembranças truncadas ou remanejadas segundo as necessidades da

causa. Toda autobiografia, qualquer que seja sua “sinceridade”, seu desejo de “veracidade”, comporta sua parte de ficção. A retrospectiva tem lá seus engodos (DOUBROVSKY, 2014, p. 121-122).

O pesquisador Serge Doubrovsky (2014) cunhou o termo autoficção, demonstrando como lembrar é construir uma narrativa que de modo algum será igual àquilo que foi vivido e como a narração se adapta às necessidades do/a narrador/a, inclusive se adequando aos interlocutores, ou aos leitores. Assim, a escrita entre autoexpressão e resistência, de Auritha Tabajara, em *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* (2018) se inicia com esse mesmo entrelaçamento. A personagem do cordel é apresentada como princesa em um duplo movimento de autovalorização e de diálogo com as pessoas bombardeadas pelo imaginário ocidental. Mesmo que a realidade de reinados como na Europa esteja distante do modo dos povos indígenas, a voz narrativa constitui um diálogo com aqueles que conhecem os contos de fadas e princesas, sejam adultos ou crianças, para quebrar o paradigma de inferiorização das integrantes dos povos autóctones e de outros excluídos dessas narrativas, como os/as nordestinos/as, sertanejos/as.

Nessa interação entre escrever sobre si mesma, refazendo a sua jornada, se reinventando, se inspirando na Mãe Natureza, a voz narrativa não pretende realizar um solilóquio; ao contrário, ela se propõe a ensinar ao leitor, ao mesmo tempo em que se descreve e aprende sobre si:

Peço aqui, Mãe Natureza,  
Que me dê inspiração  
Pra versar essa história  
com tamanha emoção  
Da princesa do Nordeste,  
Nascida lá no sertão.

Quando se fala em princesa  
É de reino encantado,

Nunca, jamais, do Nordeste  
Ou do Ceará, o estado.  
Mas mudar de opinião  
Será bom aprendizado (TABAJARA, 2018, p. 6).

Outro aspecto que demonstra como a escrita de si empreendida por Auritha Tabajara não é construída em um isolamento está na forma como ela se vincula a determinados grupos caracterizadores de sua identidade. Os povos indígenas, a nação Tabajara, podem ser destacados na invocação à Mãe Natureza, na forma como os ameríndios se veem integrados ao cosmo, irmanados aos outros seres a partir da maternidade da Terra. Ela se identifica também com os nordestinos, os sertanejos, os cearenses, as meninas e as mulheres apartadas da possibilidade de serem “princesas”, de terem uma vida digna e valorizada no lugar onde vivem.

Esse apelo à identidade étnica, ou mais especificamente regional, e à coletividade é identificado por Diana Klinger (2006) como característico na história da literatura latino-americana. Nessa região, nos séculos XIX e XX, as escritas de si têm muitos exemplos focados na coletividade, seja em perspectivas conservadoras de valorização da linguagem, da família e em oposição à diversidade de identidades, seja em movimentos de vanguarda, de resistência e contestação dos poderes instituídos, inclusive das ditaduras espalhadas pelo continente (KLINGER, 2006). Esse processo remete também à propagação de autorias mais diversas, como as escritas protagonizadas por indígenas, tanto em produções feitas por diversos membros de um povo, até mesmo por conjuntos de professores nas aldeias (ALMEIDA, 2009), quanto em colaboração com antropólogos (KLINGER, 2006) e também em textos escritos por apenas uma pessoa.

Essa discussão, contrapondo o eu isolado, ou mostrando que o indivíduo não é tão indiviso assim, põe em questão os estudos ocidentalizados relacionados à constituição do eu com raízes na negação do ser preconizada pelo cristianismo medieval. Em contraste, mesmo na escrita de autores e autoras indígenas, a coletividade e a ancestralidade aparecem em grande destaque, às vezes muito maior que a individualidade, mas sem que haja uma perda dessa subjetividade. A sociedade ocidentalizada deita suas raízes no individualismo, na centralidade do eu, porém, se esta se tornasse central nas culturas indígenas, seria uma mudança extrema de paradigma e representaria o apagamento de uma característica basilar para a identidade dos povos indígenas e de seus membros.

Desse modo, a autoficção escrita por Auritha Tabajara não permite que haja esquecimento de que sua formação individual está atrelada à ancestralidade, às histórias que ouvia de sua avó, aos instrumentos musicais e músicas conectadas com a tradição, à conversa com os espíritos ancestrais, ao sonho como forma de conexão cósmica, aos conhecimentos das ervas da medicina tradicional:

Aprendeu a ler na rima.  
Tudo queria rimar:  
As brincadeiras e histórias  
Que ouvia a vovó contar.  
Com tambor e maracá,  
De música foi gostar.

Conversava com espíritos,  
Mas ninguém acreditava.  
Conseguiu fazer remédio  
Com as ervas que sonhava;  
Cedinho, no outro dia;  
As recolhia e plantava (TABAJARA, 2018, p. 10).

No entanto, cabe refletir como esse aprendizado e o relato sobre ele ocorreram

a partir da poetização, a partir das rimas, em narrativas recontadas de forma lúdica, unindo “brincadeiras e histórias” (TABAJARA, 2018, p. 10), em uma visão cosmológica peculiar aos povos autóctones, já que ela “conversava com os espíritos” (TABAJARA, 2018, p. 10), e em conhecimentos mediados pelos sonhos, em uma conexão cósmica, ou com elementos “inconscientes”. Sendo assim, o cordel vai mostrando como a trajetória de aprendizado, de vida e escrita da cordelista aparece, revelando que essa trilha é formada por muitos recursos artísticos e memorialísticos, não aprisionados por uma exigência de objetividade. Desse modo, o enredo pode ser contado versando, em um jogo entre contar o que aconteceu e escolher as melhores rimas.

A escrita de Auritha, além da afirmação de sua identidade como mulher indígena, nordestina e LGBTQIA+, constitui um percurso tanto para inscrição de seu nome próprio em sua vida quanto na inserção dele em sua produção autoral. Essa necessidade de luta pela nomeação remonta ao processo de desenraizamento iniciado séculos atrás, quando o governo brasileiro proibiu a utilização de nomes indígenas no registro civil, com o intuito de obter apoio social, explicitando assim uma política de apagamento cultural e de pressão por integração (MUNDURUKU, 2012).

Nesse contexto, o livro apresenta várias formas de nomear essa autora, narradora e personagem. O *copyright* do texto pertence a Francisca Aurilene Gomes com Auritha Tabajara, o mesmo utilizado na ficha catalográfica e durante a maior parte do livro, entre parênteses, e *Aryrei*, na tradução relatada por um ancestral. Nesse sentido, parte dessa questão é explicitada no texto poético ao apresentar a circunstância dessas designações:

Uma menina saudável,  
Com o nome a definir,  
Vovó a chamou Auritha,  
Mas, quando foi traduzir  
Um ancestral lhe contou  
“Aryrei” está a vir.

Mas, para se registrar,  
Seguiu a modernidade  
Com o nome de Francisca,  
Pois, para a sociedade,  
Fêmea tem nome de santa  
Padroeira da cidade (TABAJARA, 2018, p. 09).

Essas estrofes dão o conhecimento de que a protagonista e a autora têm o mesmo nome e de como ela se transforma em personagem nesse cordel autoficcional. Se a “menina saudável” (TABAJARA, 2018, p. 09) se depara com uma multiplicidade de denominações, a mulher resgata essas cenas para ressignificá-las, para mudar o registro – se não o do cartório, o da narrativa –, ao assumir a sua própria escrita, a sua versão poética dos fatos.

Essa “modernidade” (TABAJARA, 2018, p. 09) apresentada pela voz narrativa pode ser relacionada ao projeto do Estado brasileiro de apagamento étnico-cultural, tendo inclusive na religião cristã uma ferramenta dessa opressão. A adoção do nome Auritha é inteligível e traduzível na comunidade para “Aryrei” (TABAJARA, 2018, p. 09), sendo ao mesmo tempo singular, para o reconhecimento dessa escritora na construção de sua individualidade, e plural, no que tange à inserção do povo Tabajara. Isso não deixa dúvidas sobre a conexão da jornada pessoal com a memória ancestral, ao tecer no texto as conexões que a alcunha imposta poderia barrar. Portanto, o designativo Francisca é representativo de estratégias de opressão, já que remete a elementos como a pressão social, a padroeira, a santa, a religião católica, a imposição de crença, a moral e condu-

ta, inclusive sob o signo do pecado e preconceitos relacionados aos modos de vida que fogem a essa norma.

A autora, a narradora e a personagem recebem o mesmo nome e se mesclam podendo remeter a uma biografia simplesmente. No entanto, as estratégias utilizadas por Auritha em *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* (2018) jogam de forma bastante consciente com essa relação autora-narradora-personagem. Nesse sentido, *a priori*, tem-se o estabelecimento de duas vozes narrativas: uma em terceira pessoa do singular, no passado e em estrofes em sextilha; a outra está em primeira pessoa do singular e com a métrica em septilha:

A noção plástica de autoficção, em sua acepção mais corrente e mais vaga, marca talvez uma evolução significativa da escrita de si, através da qual o procedimento autobiográfico se transforma em operação de geometria variável, cuja exatidão e precisão não são mais virtudes teológicas (COLONNA, 2014, p. 46).

A narração em terceira pessoa é feita a partir do nascimento e infância, passando pela saída da aldeia, pela jornada em algumas cidades, onde foi submetida a assédios sexuais e trabalhos subalternizados, de idas e vindas à aldeia; pelo sufocamento quanto a sua orientação sexual, pela maternidade e sendo concluída com a denúncia de suposto abandono das filhas, feita pelo pai delas e pela vivência de uma depressão. Nessa parte da narrativa do cordel, há certa estratégia de distanciamento entre a narradora, a personagem e a autora, como se elas não fossem a mesma pessoa. Esse método, de algum modo, caracteriza o distanciamento entre aquela que escreve no presente e aquela que vivenciou determinadas experiências. Aparentemente, se configura uma necessidade de diferenciar a escritora autônoma

e madura que declara: vou “refazer minha história” (TABAJARA, 2018, p. 32), da jovem imatura, em um percurso de descoberta e de busca de autonomia.

O Dossiê de registro *Literatura de Cordel* (BRASIL, 2018) apresenta algumas características dessa produção literária as quais são úteis para se compreender essa produção autoficcional de Auritha Tabajara. A literatura de cordel é descrita como relacionada a diversas tradições orais constituintes da identidade brasileira: “as culturas africana, indígena e europeia e árabe” (BRASIL, 2018, p. 16), sendo que essa produção literária é designada por três características essenciais: “métrica, rima e oração” (BRASIL, 2018, p. 16), ou seja, pela versificação, contagem de sílabas com uniformidade entre os sons finais das palavras e o desenvolvimento ou enredo com lógica, começo, meio e fim. Outras características da literatura de cordel relacionadas à metrificação são o uso da sextilha, forma mais utilizada pelos cordelistas na contemporaneidade, e a septilha, derivada daquela com o acréscimo de mais um verso.

Esse diferencial de versificação é significativo para o enredo em *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* (2018), com a narração em terceira pessoa, isto é, quando a narradora ainda não está identificada com a autora-personagem Auritha, a versificação é feita em sextilha. Essa é a metrificação mais comum no cordel da atualidade, cuja utilização pode ser lida também como um meio para diferenciar os momentos narrativos no texto. Já na utilização da septilha, no momento em que a própria Auritha se torna a narradora do texto, cabe a seguinte interpretação: da mesma forma que a estrofe cresce, ganhando mais um verso, a cordelista também cresce, torna-se mais madura. Esse segundo trecho da narrativa relata o desfecho da dis-

puta judicial pela guarda das filhas e de sua relação com elas, suas ações para reconstruir a sua história intensificando o contato com sua ancestralidade, com a aldeia e com outros parentes indígenas, além da luta contra a discriminação. É possível observar nas estrofes a seguir a marcação da passagem de uma voz narrativa para a outra:

Na Casa de conhecidos,  
Cuidava de disfarçar.  
Muitas noites mal dormidas,  
Não parava de chorar.  
Sempre de rosto inchado  
Na hora de levantar.

Nesse momento, leitor,  
Ficarei no meu cantinho,  
Deixando a própria Auritha  
Seguir firme em seu caminho  
E, de forma cativante,  
Contar tudo com carinho: (TABAJARA, 2018, p. 31).

Agora, eu tenho em mente,  
Um desafio a enfrentar:  
Refazer minha história,  
Sem desistir de lutar.  
Tantas noites eu chorei,  
Quanta tristeza passei...  
Não dá nem pra imaginar! (TABAJARA, 2018, p. 32).

Se Auritha Tabajara “Aprendeu a ler na rima./ Tudo queria rimar” (TABAJARA, 2018, p. 10), a própria experiência de aprendizagem na infância está relacionada a essa literatura, mesmo que ela descubra, apenas posteriormente, que aquilo que ela ouvia, lia e passou a escrever era literatura de cordel. Em entrevista (TESTA; FERREIRA, 2021), Auritha relata que foi alfabetizada e estudou em casa até os nove anos de idade, em uma infância feliz, livre na mata, marcada pela oralidade e por uma alfabetização feita por meio de rimas. Nesse sentido, a intimidade da autora com essa forma literária também se revelou como aspecto construtor de sua

subjetividade atrelada à poetização e à possibilidade de utilizar a oração, o desenvolvimento característico do cordel como possibilidade para narrar, poetizar e refazer a sua própria vida.

No Dossiê de registro *Literatura de Cordel* (2018), quando da reflexão sobre o poeta-repórter, é apresentado exemplo de como “o cordel concilia a tradução e a invenção do vivido, o real e a ficção.” (BRASIL, 2018, p. 159). Para compreender melhor de que forma Auritha faz essa junção poeticamente, pode ser elucidativa a definição dada por Vincent Colonna (2014) a uma das tipologias da escrita autoficcional como autoficção biográfica:

O escritor continua sendo o herói de sua história, o pivô em torno do qual a matéria narrativa se ordena, mas fabula sua existência a partir de dados reais, permanece mais próximo da verossimilhança e atribui a seu texto uma verdade ao menos subjetiva ou até mais que isso (COLONNA, 2014, p. 44).

A construção narrativa em *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* (2014) pode ser apreendida a partir dessa definição, a da autora tendo por base a sua vida, mas não escrevendo um diário, ou um livro de memórias sobre ela. A escolha é por uma forma poética na qual pode “florear” a sua história, não escondendo as suas mazelas, e sim transformando-as em poema, sem abandonar a verossimilhança. Por esses motivos, a escrita de Auritha Tabajara pode ser pensada na intersecção entre performance, biografia, identidade e ancestralidade. Por esse ponto de vista, pode ser dito que é estabelecida uma relação entre o leitor e uma autora implícita criada em meio às rimas, de Auritha, às xilogravuras, de Drozina, e à descoberta no ato da leitura, ao se relacionar com uma performance da escritora e não com sua pessoa.

Mesmo partindo desse pressuposto da performance, o apego à verossimilhança fica evidenciado no texto de Auritha em trechos com o seu relato da publicação de seus cordéis no livro *Magistério Indígena em Versos e Poesia* (2007):

Fez magistério indígena  
Com muita dedicação.  
Escrevia bem cordel,  
Pesquisou com atenção  
E o governo aprovou,  
A sua publicação.

Na sua comunidade,  
Dispõe-se a alfabetizar  
As crianças e os adultos,  
Para assim minimizar  
Os limites que impediam  
O seu povo de lutar (TABAJARA, 2018, p. 27).

A trajetória de Auritha Tabajara revela o seu desejo da mudança de paradigmas para a educação, ela escreve também com essa preocupação. Se em *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* (2018) está em destaque a construção de si mesma, tal ação parece se concretizar na relação com a transformação do outro, seja na inserção na escola indígena, seja no ensino dos não indígenas, seja no combate às diversas formas de discriminação. A aproximação com pessoas não escolarizadas, para integrá-las na comunicação ou em processo de ensino da leitura, parte do reconhecimento da escrita como ferramenta de luta. *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* (2018), apesar de não ser um folheto pendurado em um varal, se apropria das dinâmicas do cordel, como um texto mais acessível: pela não utilização de palavras rebuscadas, mas se valendo da musicalidade e da visualidade para envolver, acolher e ensinar, mesmo que essas características não sejam exclusivas desse gênero literário.

Auritha relatou em entrevista (TESTA; FERREIRA, 2021), que em 2003, quando teve

início o magistério indígena no Ceará, ela fez relatórios sobre as aulas em forma de cordel, os quais foram editados e publicados pela Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC), compondo o livro *Magistério Indígena em Versos e Poesia* (2007), hoje adotado como livro didático no território cearense. O relato da publicação desse livro e de seu engajamento no ensino aparecem na estrofe acima, no verso “Fez magistério indígena” (TABAJARA, 2018, p. 27), em *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* (2018). Assim, a autora assume a tarefa de ressignificar a escola para si e para os outros, pois, quando ingressou na escola regular, sofreu *bullying* e discriminação praticados pelos não-indígenas:

Admirada por todos;  
Para muitos, diferente.  
Na escola, aos sete anos,  
Taxada de rabo quente,  
Feiosa, bucho quebrado...  
Porém muito inteligente (TABAJARA, 2018, p. 10).

A um só tempo em que em *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* (2018) se estabelece o destaque ao aspecto estético, criativo, do uso de recursos poéticos, nesse texto a autora apresenta confissões que extrapolam seu texto, indo para a aldeia e para o mundo. Ambos os elementos, aldeia e mundo, são o outro com quem o coração e os pés, representativos da subjetividade e da jornada autora, querem se relacionar. Portanto, duas ações que funcionam como constituintes do eu também preconizam formas de intervir com e para além do cordel. A primeira é a prática educativa caracterizada pelo ensino na escola da aldeia e por mudar a concepção daqueles que desconhecem ou estão fechados para uma narrativa diversa. A segunda é se voltar para a cura, de si mesma, ao dar sentido à sua trajetória a partir da escrita, e dos outros, tanto com o uso de ervas medici-

nais quanto com a própria narrativa de seu crescimento pessoal:

A menina foi crescendo,  
Aprendeu a caminhar.  
Com nove meses de vida  
Tudo sabia falar.  
Dizia: “Quando eu crescer,  
Quero aprender a curar” (TABAJARA, 2018, p. 10).

Certamente, a escrita de Auritha é uma ação política pautada pela necessidade de sobrevivência e resistência individual e coletiva. O posicionamento da escrita de um texto literário e biográfico, autoficcional, se apresenta em um contexto de diálogo e contraposição de outras narrativas, de constituição de novos olhares. Assim, a proposição de cura apresentada não é apenas da dimensão física, mas das subjetividades e das relações, reconhecendo que “Feliz eu serei um dia/ Se o preconceito acabar” (TABAJARA, 2018, p. 40). Em certo sentido é uma esperança de felicidade utópica, porém esse desejo pessoal clama por resistência: “Se você é como eu,/ Sofre ou antes sofreu,/ Não desista de lutar” (TABAJARA, 2018, p. 40) e por irmandade: “Agradeço a Tupã,/ Por me guardar e inspirar./ Ao meu povo Tabajara,/ Pela vida me ensinar” (TABAJARA, 2018, p. 40). Essa vida aprendida com seu povo Tabajara se assemelha a de outras nações indígenas na valorização da harmonia com o cosmo, com os homens e mulheres e com os outros seres.

Essa integração com o universo a partir dos saberes ancestrais fica evidenciada na relação com a Mãe Natureza e no exemplo de sua Mãe-avó como parteira, conselheira e mezinheira (uma conhecedora das ervas e de seus usos curativos). Auritha segue os passos da avó no conhecimento das plantas, em um contato mediado por uma relação espiritual, pela conexão com os espíritos e com sonhos premonitórios. A conexão com as

plantas em sonhos, colheita, plantio e mezinha é descrita como algo distinto e sagrado:

Foi a primeira netinha  
Da vovó boa parteira  
Contadora de história;  
Também grande mezinheira  
Na região, respeitada  
Por ser sábia conselheira. (TABAJARA, 2018, p. 8).

As palavras de Auritha são de insubmissão ao jugo do racismo, da homofobia, do machismo, do patriarcado, da misoginia, da imposição dos saberes ocidentais. O livro se encerra com uma dedicatória para seu povo e para as pessoas que sofrem com o preconceito. Então se reconhece em sua escrita um bastião para essa luta pela sobrevivência e por um Brasil mais equitativo, ao mesmo tempo em que se desenha um itinerário de construção da identidade, a partir da poetização de memórias e da autoficção.

## Conclusão

As pesquisas nas áreas da Literatura e da Antropologia no Brasil têm privilegiado a interpretação das narrativas elaboradas por autoras e autores indígenas, a partir do povo, da nação e da coletividade. Nesse contexto, a escrita de Auritha Tabajara em *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* (2018) adiciona outros elementos para essa discussão, ao colocar em evidência a subjetividade de uma mulher indígena. Não se trata de uma adesão ao modelo de individualismo e à construção do sujeito ocidental, mas de uma guinada para o surgimento de nomes, de expoentes representativos de uma ruptura com padrões de produção estética e de sua interpretação. A autoficção escrita por Auritha destaca o seu nome próprio, constitui uma narrativa introspectiva e, em ato contínuo, rasura esse conceito em um jogo de vozes narrativas, imbricadas com uma perspectiva de resistência e re-existência de seu povo.

Certamente, a interpretação de *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* (2018), com base na autoficção, não deve reduzir o texto a um solilóquio, já que a subjetividade é construída em relação consigo mesma, com o mundo e com os outros. O destaque que as pesquisas apontam para a coletividade e para o povo em relação às pessoas indígenas não é sem sentido, por ser esse um aspecto distintivo dos autóctones das Américas. No entanto, é necessária a abertura a outras abordagens que complementam esse viés.

Isso posto, a leitura de *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* (2018), sob o prisma da autoficção, de modo nenhum se configura na pretensão de apagamento da identidade indígena relacionada a um povo, mas serve para pensar em outras possibilidades e questionar a supressão da subjetividade e do nome próprio de autoras e autores ameríndios. Essas discussões se inserem em contextos como a questão (em aberto) do que é Literatura, em um contexto no qual o ficcional se mescla com a experiência, e do conceito de autoria, a partir do descentramento do sujeito, do questionamento de sua objetividade e unicidade.

## Referências

ALMEIDA, Maria Inês de. A escola na aldeia. In: ALMEIDA, Maria Inês de. **Desocidentada**: experiência literária em terra indígena. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BRAGANÇA, A. Sobre o editor: notas para sua história. **Em Questão**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 219-237, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/119>. Acesso em: 02 abr. 2022.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular - CNFCP. **Dossiê de Registro: literatura de cordel**. Brasília: Iphan, 2018. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie\\_Descriptivo\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descriptivo(1).pdf) Acesso em: 02 abr. 2022.

COLONNA, V. Tipologia da autoficção. In: NORONHA, J. M. G. (Org.). **Ensaio sobre a autoficção**. Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 39-66.

DOUBROVSKY, J. S. O último eu. In: NORONHA, J. M. G. (Org.). **Ensaio sobre a autoficção**. Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 111-125.

KLINGER, Diana. **Escritas de si e escritas do outro**: Autoficção e etnografia na literatura latino-americana contemporânea. Tese de Doutorado em Letras. Literatura Comparada. Rio de Janeiro: UERJ, 2006. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/6168>. Acesso em: 10 abr. 2022.

KRENAK, Ailton. Sobre índios & fronteiras: comentários e reflexões. In: **LEETRA Indígena**. Vol. 2, n. 2, 2013 - São Carlos: SP: Universidade Federal de São Carlos, Laboratório de Linguagens LEETRA. Disponível em: <http://www.leetra.ufscar.br/libraries/view?id=8488564>. Acesso em: 21 jul. 2019.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro**. São Paulo: Paulinas, 2012.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. Lorena: DM, 2018.

TABAJARA, Auritha. **Coração na aldeia, pés no mundo**. Lorena, SP: UKA Editorial, 2018.

TESTA, Eliane Cristina; FERREIRA, Soraima Moreira Alves. Coração na aldeia, pés no mundo: entrevista com Auritha Tabajara. **Revista Letras Raras**. Campina Grande, v. 10, n. 3, p. 279-283, set. 2021. Disponível em: [http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/viewFile/2159/1624#:~:text=%C3%89%20professora%20de%20Literatura%20Portuguesa,%2FUFNT%2C%20C%C3%A2m-pus%20de%20Aragua%C3%ADna.&text=-Mestranda%20no%20Programa%20de%20P%C3%B3s,%20DTO\)%2C%20C%C3%A2m-pus%20Aragua%C3%ADna.>](http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/viewFile/2159/1624#:~:text=%C3%89%20professora%20de%20Literatura%20Portuguesa,%2FUFNT%2C%20C%C3%A2m-pus%20de%20Aragua%C3%ADna.&text=-Mestranda%20no%20Programa%20de%20P%C3%B3s,%20DTO)%2C%20C%C3%A2m-pus%20Aragua%C3%ADna.>). Acesso em: 28 mar. 2022.

Recebido em: 09/05/2022

Aprovado em: 23/05/2022



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.